

A contabilidade climática revela o que podemos fazer¹

Claudio de Moraes²

A revolução industrial trouxe inovações que moldaram o mundo moderno. As grandes cidades floresceram como símbolos de progresso e o petróleo prometeu liberdade sobre rodas. A fumaça das chaminés, aparentemente inofensiva, dispersava-se no ar, enquanto prevalecia a crença de que a natureza absorveria pacientemente cada tonelada de gás liberada. No entanto, ao buscar prosperidade e conforto, inauguramos uma nova era geológica: a era do carbono. O acúmulo do carbono na atmosfera nos obriga a olhar a contabilidade climática, que nos revela o problema que precisamos enfrentar.

Assim como na contabilidade financeira, em que **cada débito é compensado por um crédito**, a contabilidade climática oferece uma nova perspectiva sobre o crescimento econômico. Durante séculos, **ativos naturais como florestas e ecossistemas foram ignorados nas métricas econômicas**, mas, como sumidouros de carbono, esses ativos funcionam como "créditos" climáticos, compensando parte das emissões humanas.

Vamos falar de números. Atualmente, florestas e oceanos removem, respectivamente, entre 30 e 33% e 20 a 22% das emissões globais de CO₂. Por isso a compensação climática por meio de créditos de carbono é uma ferramenta muito importante. Nos mercados voluntários, uma tonelada de CO₂ é negociada por valores entre 5 e 50 dólares; em mercados regulados, como o Sistema de Comércio de Emissões da União Europeia (ETS), o valor ultrapassa 80 euros. **Para uma ideia da necessidade de neutralização, as emissões giram em torno de 38 bilhões de toneladas de CO₂ por ano.**

Esses mercados podem **incentivar a preservação de florestas**, como a Amazônia, que, sem intervenção, pode perder até 70% de sua cobertura, agravando ainda mais o aquecimento global. Além disso, o **degelo das calotas polares** pode liberar até 200 bilhões de toneladas de gases, intensificando o efeito estufa. Se a temperatura global subir para 4°C — um dos cenários projetados —, cidades como Rio de Janeiro e São Paulo poderão se tornar inabitáveis durante parte do ano devido ao estresse térmico.

Desde 1850, foram emitidas entre 1,8 e 2 trilhões de toneladas de CO₂. Após a criação do IPCC (Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas), em 1988, mais de 1 trilhão de toneladas foram adicionadas à atmosfera. Desde o Acordo de Paris, em 2015,

¹ Artigo publicado em Valor Econômico. Disponível em:

<https://valor.globo.com/brasil/esg/artigo/a-contabilidade-climatica-revela-o-que-podemos-fazer.ghtml>

Acessado em 25.11.2024

² Professor de Macroeconomia e Finanças do Coppead UFRJ. Doutor em Economia com ênfase em macroeconomia e Finanças. Atua no Banco Central do Brasil na área de estabilidade financeira, com experiência em regulação e supervisão bancária. Mantém projeto de pesquisa com pesquisadores da UPB Medellín-Colômbia e é Revisor de periódicos internacionais. Atualmente participa da coordenação de projetos de mestrado e doutorado que visam discutir soluções para a maior eficiência e segurança do sistema financeiro.

acumulamos cerca de 300 bilhões de toneladas. Ou seja, não estamos reduzindo as emissões. A dificuldade de estabelecer uma coordenação global para diminuir as emissões é evidente, pois o benefício é muitas vezes intangível e difícil de ser percebido no curto prazo.

Por outro lado, **muitos reconhecem o bem-estar proporcionado pelo contato com a natureza e as florestas desempenham um papel essencial no equilíbrio climático.** Em média, cada árvore sequestra entre 10 e 20 kg de CO₂ por ano. Para compensar uma tonelada de emissões, são necessárias entre 50 e 100 árvores crescendo durante um ano, esforço que varia de acordo com as condições ambientais. Plantar árvores é uma alternativa mais agradável e eficaz do que simplesmente restringir emissões de maneira drástica.

Precisamos assumir um protagonismo ativo. Devemos contabilizar nossa pegada de carbono e plantar árvores! Somos mais de 200 milhões de brasileiros, se cada um plantasse uma árvore por ano sequestraríamos 4,47 milhões de toneladas de CO₂ por ano, mas como? Percorra as estradas do país e encontrará terras desmatadas, muitas delas abandonadas, onde apenas alguns animais vagam. Sim, ao adquirir essas terras e com pouco esforço permitir o reflorestamento natural, veremos a natureza se regenerar. Realizei esse processo pessoalmente, inspirado pelo documentário de Sebastião Salgado, e relato essa experiência em [meu site pessoal](#).

As empresas também devem seguir esse caminho, reflorestando e divulgando suas pegadas de carbono em seus balanços patrimoniais. Profissionais que trabalham com relatórios de sustentabilidade se engajarão na recuperação de florestas, mangues e biomas, colaborando com uma solução integrada.

A natureza tem um extraordinário poder de recuperação e a expansão das florestas oferece benefícios tanto econômicos quanto climáticos. Além de sequestrar carbono e mitigar o efeito estufa, as florestas asseguram estabilidade hídrica, fertilidade do solo e sustentabilidade agrícola. Elas também impulsionam empregos verdes, atraem investimentos sustentáveis e geram crescimento por meio de produtos não madeireiros e ecoturismo.

Projetos de restauração florestal têm o potencial de remover até 6 bilhões de toneladas de CO₂ por ano, se implementados em uma área de 6 a 7 milhões de km² de florestas. Embora tecnologias de captura de carbono possam complementar esses esforços, seus custos elevados — entre 200 e 500 dólares por tonelada — reforçam a importância de priorizar soluções baseadas na natureza.

O IPCC adverte que precisamos alcançar emissões líquidas zero até 2050. Reduzir emissões pode implicar desconforto — abrir mão de geladeiras e ar-condicionado, por exemplo. Estamos dispostos a fazer isso? Se não, por que não adotar um estilo de vida que reconecte com a natureza? Imagine uma semana de quatro dias úteis, com o quinto dedicado ao plantio de árvores. O impacto positivo desse esforço seria surpreendente, contribuindo para a neutralização do carbono e para a regeneração dos ecossistemas.

A **transição para uma contabilidade climática** vai além de uma simples questão técnica; é uma mudança paradigmática que redefine o valor dos recursos naturais e a lógica econômica. Integrar essas soluções em uma nova estrutura de contabilidade representa uma oportunidade única para alinhar prosperidade e sustentabilidade, evitando os custos irreparáveis de um futuro dominado pelas consequências do aquecimento global.

A restauração de ecossistemas, a transição para energias limpas e a implementação de políticas climáticas ambiciosas são fundamentais para garantir um futuro habitável e evitar que o planeta ultrapasse pontos de não retorno. Além disso, essa transformação é uma oportunidade para vencermos nossos condicionamentos egocêntricos e abraçarmos uma consciência sistêmica ampla e integrada com a natureza.